

**ARQUITETURA PAULISTA: ENTRE O PROJETO E A PRÁTICA – A CASA EM
CATANDUVA DE PAULO MENDES DA ROCHA**

Evandro Fiorin

UNESP – Campus de Presidente Prudente-SP, Rua Roberto Simonsen, 305, Presidente Prudente, Brasil,
evandrofiorin@fct.unesp.br

RESUMO

Este artigo busca analisar o segundo projeto realizado por Paulo Mendes da Rocha para uma casa em Catanduva, o qual chegou a ser erguido, em detrimento do primeiro – mais conhecido e divulgado, apesar deste não ter sido construído. Assim, ressaltamos a relevância do primeiro projeto executado, mas também apresentamos alguns dos motivos pelos quais o mesmo não foi aprovado pelos clientes. Por conta disso, o arquiteto elaborou uma segunda proposta de residência, acatada depois de quatro meses, e que demorou quatro anos para ser construída. Nesse sentido, pretendemos apresentar o material disponível do primeiro projeto para a casa em Catanduva e as análises da residência que efetivamente foi construída, em um lote dessa cidade do interior paulista, para perceber algumas inversões do primeiro projeto para o segundo. Em vista disso, consideramos que a residência da família Bueno Netto, que fora construída em Catanduva apresenta um padrão da produção paulista, entretanto, não chega a operar um sentido de radicalidade do espaço, tal qual o pavilhão aberto à cidade – ideia emblemática de Mendes da Rocha que estava presente no primeiro projeto. Desse modo, pretendemos justapor algumas das ideias do arquiteto em relação a uma cultura da chamada “arquitetura paulista”, versus o desejo do cliente e a sua autoridade em propor mudanças baseadas em juízos de valor, que às vezes, alteram, em grande medida, a possibilidade de evolução crítica de um fazer.

Palavras-chave: Arquitetura Paulista; Paulo Mendes da Rocha; Projeto;

ABSTRACT

This article seeks to analyze the second project undertaken by Paulo Mendes da Rocha for a home in Catanduva, which came to be erected at the expense of the first - the most known and widespread, although this has not been built. Thus, we emphasize the importance of the first project executed, but also present some of the reasons why it has not been approved by the customers. Because of this, the architect developed a second proposal approved residency after four months and it took four years to build. We intend to present the material available from the first design for the house in Catanduva and analyzes the residence that was actually built on a lot of this town in São Paulo, to realize some inversions of the first project to the second. In view of this, we consider the residence of the family Bueno Netto had been built in Catanduva presents a standard of paulista production , however, fails to operate a radical sense of space, like the open pavilion to the city - the flagship idea Mendes da Rocha, who was present in the first project. We intend to juxtapose some of the ideas of the architect in relation to a culture of paulista architecture, versus customer desire and authority to propose changes based on value judgments, which sometimes change, largely, the possibility of critical evolution of a doing.

Keywords: Paulista Architecture; Paulo Mendes da Rocha; Project;

ARQUITETURA PAULISTA: ENTRE O PROJETO E A PRÁTICA

A CASA EM CATANDUVA DE PAULO MENDES DA ROCHA

No projeto de Paulo Mendes da Rocha para uma casa em Catanduva (1979), cidade no interior de São Paulo, distante 385 quilômetros da capital, o arquiteto compara a sua busca arquitetônica à tarefa do escultor, cuja urgência em tornar algo “nítido e essencial” se revela “na forma como linguagem”. A partir desse propósito, se desvelará a “poética do espaço” de uma “casa atemporal”, onde construção, paisagem e cenário se conformam interligados e “a um só tempo”. Tal concepção se traduz pela representação de um conjunto formado por casa-piscina-pavilhão, como desdobramento topográfico-arquitetural contínuo, designado pelo referido arquiteto como: “castelo” (Rocha 1986(a), 32).

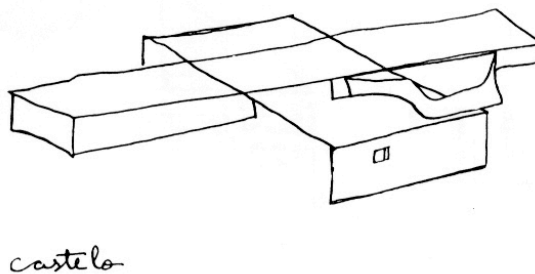
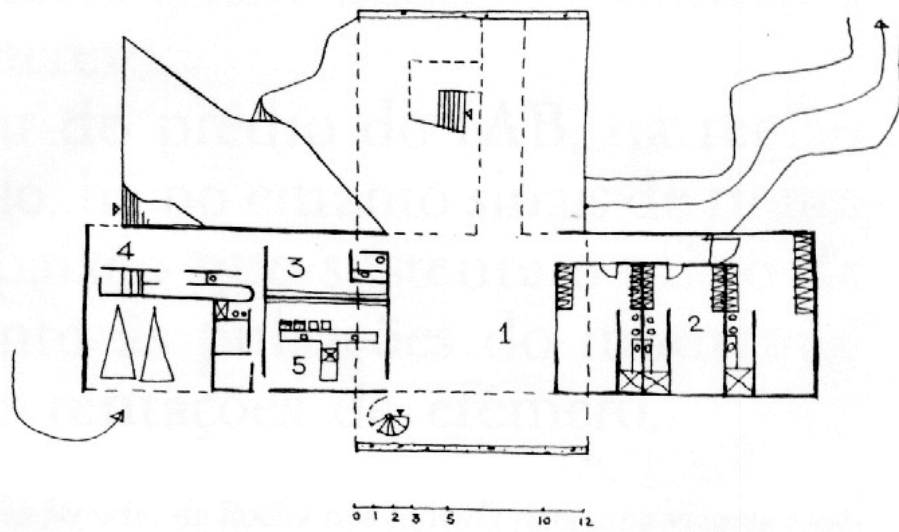


Figura 01 – Casa em Catanduva, 1979, projeto, croquis da perspectiva. Fonte: (Rocha 1986(a), p. 32).



- 1 salas
- 2 quartos 330
- 3 biblioteca
- 4 foyer sala
- 5 cozinha serviços

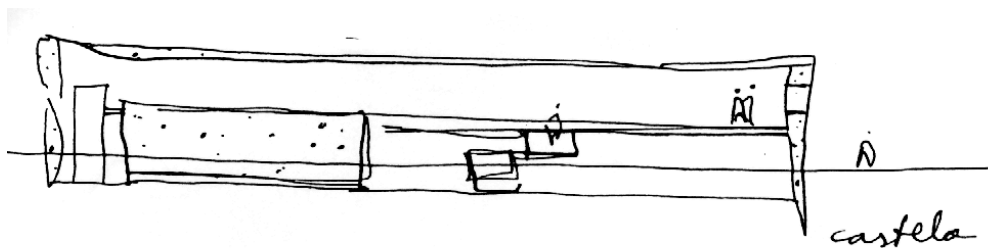
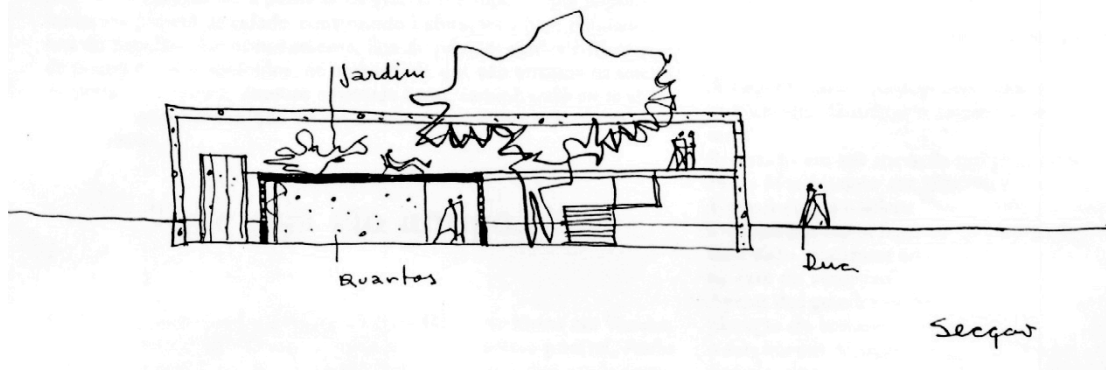


Figura 02, 03, 04 – Casa em Catanduva, 1979, projeto, croquis da planta e cortes. Fonte: (Rocha 1986(a), p. 33).

Entretanto, essa analogia não é compreendida pelo arquiteto como um *castellum* (reduito), ou seja, a casa como uma fortificação, tal qual uma construção medieval, isolada e independente do resto do território. Uma noção perturbadora, que, por um instante, também poderia espelhar as mudanças ocorridas na cidade contemporânea, em virtude do aumento da violência urbana, já que a função defensiva passou a operar como uma característica espacial bastante recorrente.

De tal sorte, o conceito de “castelo” para Mendes da Rocha pode ter muito mais haver com a ideia de “agigantamento do abrigo” (Sperling 2001). Ou seja, a compreensão de que a casa é uma pequena parte de um território muito maior, entendido como cidade. Nesse sentido, o que está em jogo nesse partido é a compreensão do espaço da residência como um lócus que permanece entreaberto, capaz de aglutinar um sentido de coletividade. A possibilidade da grande cobertura, tão cara à chamada “arquitetura paulista”, catalisar um novo significado de urbanidade, de conagração dos seres urbanos, do convívio harmonioso entre a comunidade.

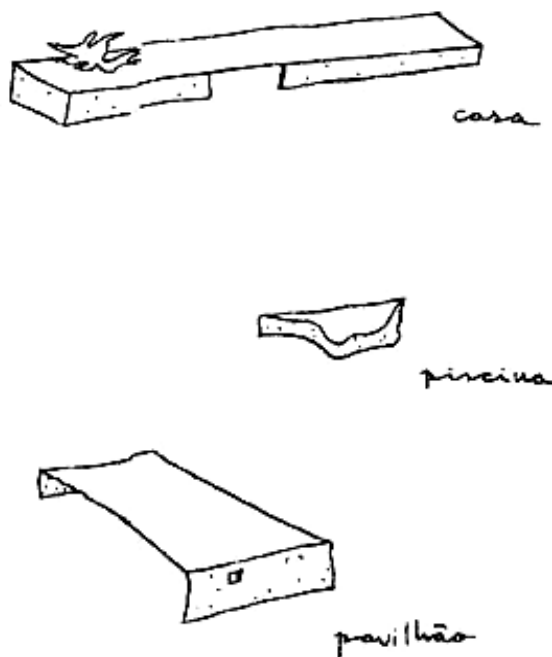


Figura 05 – Casa em Catanduva, 1979, projeto, croquis, unidade tripartida. Fonte: (Rocha 1986(a), p. 33).

Desta forma, no projeto dessa residência em Catanduva, a grande cobertura longilínea desnuda algumas áreas domésticas do constructo casa-piscina-pavilhão. Essa estrutura, que vai de um lado ao outro do terreno, não condiciona a arquitetura ao cerramento, mesmo porque não conforma elevações vedadas. Pelo contrário, configura uma extensa empena transparente, livre de quaisquer impedimentos físicos, se apropriando da técnica construtiva sem configurar um espaço introspectivo, podendo subverter, criticamente, uma política de refuta à cidade, presente naquelas empenas de algumas residências dos anos 50 e 60 do “brutalismo” paulista.

No projeto da casa em Catanduva, não está colocada a questão da consecução da grande cobertura como racionalidade vinculada à industrialização da construção, de maneira que a técnica do concreto armado pode agora inverter uma ideia de progresso atrelada a sua adesão, durante os anos 1960 pela chamada “arquitetura paulista”. Assim, pode conformar “[...] uma casa que pareça muito antiga, para impor sua modernidade” (Rocha1986(a) 32-33). Nesse caso, esse projeto tende a naturalizar um vão de 20 metros, tornando o rigor matemático necessário para sua construção, num domínio já institucionalizado.

Logo, o projeto da casa em Catanduva implica no reconhecimento da nossa realidade, aderindo aos materiais e procedimentos que estão disponíveis, para consolidar, no argumento do arquiteto: uma residência “[...] como uma nave mágica feita com pedras” (Rocha 1986(a), 32-33). Há, nesse intuito, a certeza sobre os avanços da técnica construtiva, mas também a sapiência sobre o atraso brasileiro no canteiro e em tantos outros campos, tendo como redenção uma perspectiva criativa. Desse ponto de vista, esse projeto se mantém distante dos conflitos políticos de outrora, enquanto persegue uma “beleza da criação” como condição que está “[...] acima de qualquer ameaça e fragilidade [...]”, para assegurar, presentemente, um desígnio que emana da “própria consciência humana” (Wolf 1986, 26).

Deste modo, se outros projetos paulistas deflagravam as incongruências da técnica construtiva nas empenas de concreto, a casa em Catanduva as admite como uma condição inerente. Além disso, o projeto de Mendes da Rocha para Catanduva, ao não se preservar do contato com o exterior faz dessa relação com o urbano sua distinção. Nessa proposição, o projeto da grande cobertura da chamada “arquitetura paulista” poderia, enfim, buscar conciliação com o programa que o originou e com o contexto em que está inserido. Mesmo porque, em 1979, no município de Catanduva, possivelmente, as relações de vizinhança, talvez pudessem propiciar uma experiência profícua da casa na cidade e vice-versa.

Por esse motivo, acreditamos que, a possibilidade de construção desse projeto de Mendes da Rocha nessa pequena cidade do interior paulista poderia ser um modo de experimentação de outras realidades que não se restringissem à concreção de um padrão paulistano de habitação da chamada “arquitetura paulista”. A existência de laços entre a comunidade em uma cidade com menos de 200 mil habitantes, bem como, a vivência espacial nas calçadas e nas ruas, além de uma menor preocupação com a violência urbana seriam fatores a fomentar a convivência.

Assim, a partir da compreensão da humanidade e desse habitat social-urbano, o projeto da casa em Catanduva se reserva o direito de ir além da forma em si, suplantando, também, o imperativo funcional. Essa postura abre caminho para uma prática justificada pela “manifestação artística”, inerente à “espécie humana”; ação pré-destinada a “[...] ultrapassar as necessidades de abrigo, de transpor um rio com uma ponte, e fazê-las, essas obras, com formas tais que você conte a sua história” (Rocha 1986(b), 29).

Tendo saído de cena as políticas de enfrentamento mais incisivas – diante da dificuldade aparente de se contrapor radicalmente a uma ordem urbana ditada pelo mercado –, o projeto da casa em Catanduva, nos parece se apresentar como uma tentativa de desfazer a “divisão” esquizofrênica entre a arquitetura e o urbanismo. Enquanto a massa edificada condensa a construção sobre a terra, a grande cobertura se solta em pleno ar. Nesse sentido, esse projeto de Mendes da Rocha tem como sua ideia emblemática, o fato de ser uma casa que traz consigo uma forte carga da chamada “arquitetura paulista”, mas que não prescinde da cidade, nem tampouco a “nega” (Rocha 1986(c), 99).

Na verdade, depois da ruína do projeto de progresso econômico e social, o timbre contestatório dos espaços encapsulados da chamada “arquitetura paulista” se arrefece, podendo ser exorcizado e retrabalhado. Talvez por isso, o projeto da casa em Catanduva se constitua num amplo espaço entreaberto nas áreas comuns, enquanto apenas os destinados à ala íntima são fechados. Assim, as funções privativas continuam enclausuradas, mas agora junto à topografia, enquanto a área de lazer e o ambiente social foram fendidos para a rua. Sob essa ótica, o característico bloco único é tornado agora uma “unidade tripartida” (Rocha 1986(a), 32-33), onde as partes podem se interpenetram no território – vazando pelo lote, pousando sobre o terreno e se arraigando ao sítio.

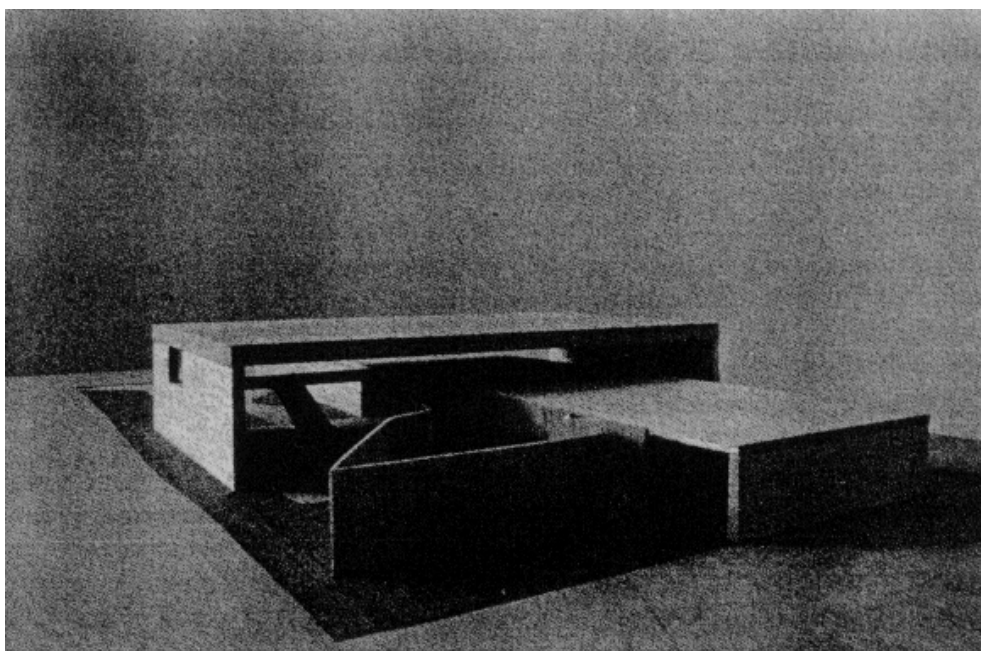


Figura 06 – Casa em Catanduva, 1979, projeto, maquete. Fonte: (Rocha 1986(a), p. 32).

No “pavilhão”, até mesmo uma abertura, enquadrando visuais sobre a grossa empena de concreto armado, sugere uma indissociável relação com o contexto. Assim, existe um exercício crítico na proposição apresentada nos croquis para essa residência do interior paulista, mesmo porque todos da vizinhança poderiam ver parte do que acontece dentro dela, contribuindo para um possível descerramento dos pudores burgueses, pois, na medida em que a “casa” é protegida, também é escancarada pelos vãos da grande cobertura, que deixa à mostra o seu interior.

Muito embora, ironicamente, o sentido de radicalidade presente na proposição de um espaço em suspensão, no qual algumas áreas se conformam como um pavilhão aberto à cidade, também foi o motivo pelo qual o projeto da casa em Catanduva não foi construído.

O projeto da casa em Catanduva (1979) não foi aprovado pela família de Sílvio Antônio Bueno Netto, conforme esclareceu sua esposa Lécia Bueno Netto, por meio do contato que fizemos por ocasião dessa pesquisa. Indagada sobre os motivos desse rechaço, a cliente atribuiu sua decisão ao fato da “piscina”, na época, não se mostrar segura para as crianças, por ser acessada pela cobertura. No entanto, quando insistimos no assunto, a cliente deu ênfase à questão da casa se apresentar “devassada”, exibindo a intimidade do lar para a vizinhança. Por isso, a pedido do casal, o arquiteto elaborou uma segunda proposta de residência, que foi aprovada depois de quatro meses e demorou quatro anos para ser construída.

Sendo assim, justamente pelo fato do projeto da casa em Catanduva se produzir como residência que se pretendia aberta, mas destinada a moradores que não estava preparados para este tipo de experimentação, se manteve amarrada aos dilemas do cliente e a alguns dos seus juízos de valor, que invalidaram a sua própria execução. Por esse viés, os seus croquis conservaram-se como “castelo”, ligados a um significado estrito da palavra. Porém, de outra maneira, o mesmo projeto foi lido por Telles (1990) como uma espécie de antecipação para o que veio a ser o Museu Brasileiro da Escultura – MuBE (1986-95), obra que colaborou para que Paulo Mendes da Rocha ganhasse o Prêmio Pritzker.

“[...] Na casa em Catanduva (não construída), o corpo da construção finalmente se solta, vindo ao chão. Enterrada a meio piso, qual um relevo do próprio chão, a casa prescinde da estrutura. O grande pórtico, transversal à casa, está completamente livre. O museu seria assim uma síntese desse último percurso. Até o momento anterior, a construção em suspenso deixava a superfície buscar o espaço imaginário do horizonte. Agora, esse horizonte próximo, contido pela verticalidade das empenas faz o olhar perder seu ponto de fuga, e o espaço como que se condensa por inteiro a nossa frente. Estamos já dentro do museu. A questão que me parece essencial para compreender seu partido é que só uma certa percepção do concreto armado poderia resolver essa continuidade vertical do projeto [...].”(Telles 1990, 49).

De qualquer modo, esse projeto engavetado para a casa em Catanduva de Mendes da Rocha pode nos ensinar sobre os contratempos que estão presentes no hiato entre a atividade crítica de prancheta e a efetiva prática construtiva contemporizada pelo cliente. Se por um lado, a atividade projetual nos croquis da casa em Catanduva abriram caminho para a importantíssima experiência do MuBE, também impediram a sua própria consecução; e, paradoxalmente, outra casa, com caráter projetual diverso e destituída das concepções iniciais, tomou seu lugar, erguendo-se como imagem postíça dos primeiros desenhos.



Figura 08, 09 – Casa em Catanduva, 1984 (2º. Projeto de Mendes da Rocha), vista frontal. Fonte: (Soares 2007), cedida autor.



Figura 10, 11 – Casa em Catanduva, 1984 (2º. Projeto de Mendes da Rocha), vista fundos. Fonte: (Soares 2007), cedida autor.



Figura 12, 13 – Casa em Catanduva, 1984 (2º. Projeto de Mendes da Rocha), piscina; lateral. Fonte: (Soares 2007), cedida autor.

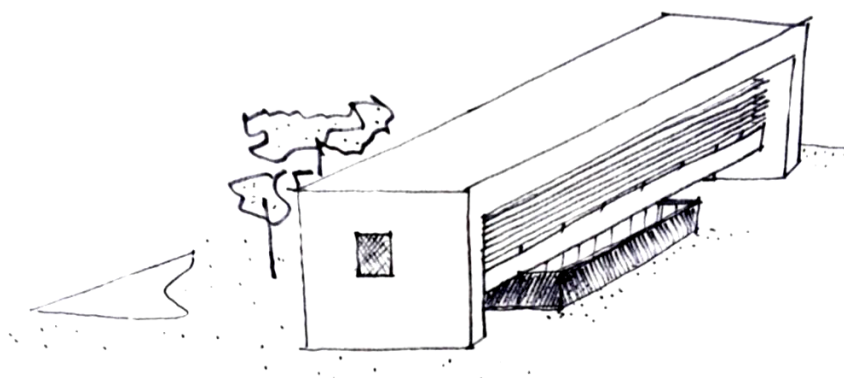
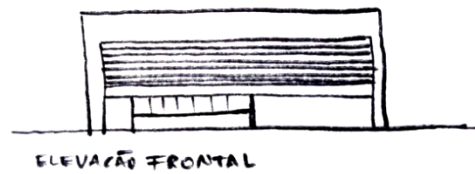
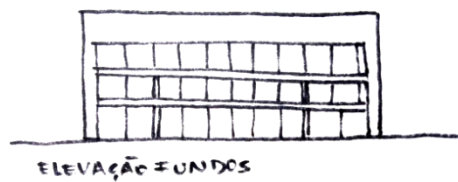
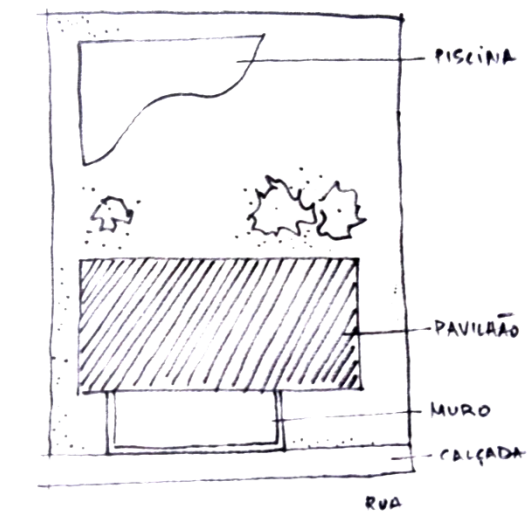


Figura 14, 15, 16 – Casa em Catanduva, 1984 (2º. Projeto de Mendes da Rocha), croquis esquemáticos elaborados pelo autor como forma de ilustração do 2º. Projeto de Mendes da Rocha para Casa em Catanduva.

O 2º. projeto para a casa em Catanduva de Mendes da Rocha (1984) transforma o “pavilhão” no corpo da residência. Posiciona os dormitórios no andar superior, de frente para a rua e protegidos por um brise-soleil. Embaixo dos quartos são posicionados: a cozinha, a garagem e dependências de serviço, as quais se abrem para um pequeno quintal murado. O conjunto de salas tem o pé direito duplo e é envidraçado para os fundos, se abrindo para a piscina, agora escavada no solo. Uma passarela funciona como espécie de mezanino e dá acesso aos dormitórios, tendo nas suas duas extremidades aberturas.

Nesse sentido, se partirmos dos croquis da casa em Catanduva (1979) analisando a residência que efetivamente foi construída (1984) podemos perceber algumas situações: o pavilhão coberto foi mantido, mas alterado de posição e cerrado; o formato da piscina não foi modificado, mas sua posição e nível foram drasticamente alterados; a elevação frontal recebeu um muro para abrigar o coarador de roupas e foi recoberta no alçado superior por lâminas horizontais de proteção.

Assim, restam dúvidas quanto à potencialidade crítica quanto ao objeto que ali foi erguido, já que a residência construída em Catanduva, concluída há mais de 25 anos se mostra mais pelo que na verdade esconde: uma grande empena cega na elevação principal; platibandas que recobrem telhas de fibrocimento, que tomaram o lugar da água que inundava a laje, devido a infiltrações; e a piscina desativada por um problema de vazamento, há mais de 9 anos (Soares 2007).

Vale ressaltar, que a residência da família Bueno Netto recupera o padrão da produção paulista: um bloco totalmente vedado constituindo a sala como grande pátio coberto. Controversamente, haja vista alguns problemas de manutenção, a técnica do concreto armado já não revela mais a sua audácia, exatamente pelos problemas que a residência apresentou na cobertura. Nada mais contraditório, em se tratando de ratificar o despropósito da cobertura em laje, em um clima quente, como da região noroeste do interior de São Paulo. Um dos princípios modernos inadequadamente apropriados pelos arquitetos, agora retificados pelo que há de mais arcaico: um telhado.

Neste caso, poderíamos supor que a construção estética da chamada “arquitetura paulista” foi enlaçada pelas imposições das marcas de modernização de um modo de vida cada vez mais hedonista. De tal sorte, a casa que fora construída na cidade de Catanduva perpetuou um modelo, na mais pura acepção de um espaço recluso, mas, agora, sem promessa ou qualquer denúncia. Em prejuízo, principalmente, dos pressupostos que imbuíam a radicalidade dos espaços abertos à cidade, na experiência crítica presente no primeiro projeto. Sendo assim, acreditamos que ambos os projetos para a casa em Catanduva deflagrem os impasses do projeto moderno brasileiro, embora o primeiro, ainda nos sirva, como uma forma de defesa da “[...] luta pela sobrevivência de um fazer”¹.

¹ SPADONI, F. “A Transição do Moderno.” Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2003, 276. Para justificar a continuidade do moderno, o referido autor se utiliza dos croquis do projeto da casa em Catanduva (1979) de Paulo Mendes da Rocha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, P. M. da. “Casa em Catanduva”. *AU* 08 (1986): 32-33. (a)

ROCHA, P. M. da. fala em entrevista a José Wolf. WOLF, J. “Exercício da Modernidade”. *AU* 08, (1986): 26-33. (b).

ROCHA, P. M. da. “Morar na era Moderna”. *Projeto* 94 (1986): 99. (c)

SOARES, A. A. “Estudo de Caso e Levantamento de Campo – Residência Família Bueno Netto de Paulo Mendes da Rocha – Catanduva-SP.” Monografia, Universidade Paulista de São José do Rio Preto, 2007.

SPADONI, F. “A Transição do Moderno.” Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2003.

SPERLING, D. “Museu Brasileiro da Escultura, utopia de um território”, *Arquitextos*, Vitruvius, 2001, acesso Agosto 10, 2013. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/828>.

TELLES, S. S. “Museu da Escultura”. *AU* 32 (1990): 44-51.

WOLF, J. “Exercício da Modernidade”. *AU* 08 (1986): 26-33.